

AMÉRICA DO SUL

Chile inicia transição

Presidente Gabriel Boric se reúne com o líder eleito José Antonio Kast, representante da extrema-direita, e defende continuidade das ações do governo. Ex-secretária de Salvador Allende fala ao **Correio** e cita maturidade da democracia

» RODRIGO CRAVEIRO

Em encontro no Palácio de La Moneda com o presidente eleito José Antonio Kast, representante da extrema-direita, o atual presidente do Chile, Gabriel Boric, pediu ao sucessor que implemente as políticas iniciadas pelo governo. "Compartilhamos informações com eles sobre o trabalho do governo, a situação do país e a agenda do Legislativo. (...) É muito importante que os chilenos entendam que, além das diferentes visões políticas que representamos, existe uma continuidade no Estado, nas instituições, no serviço público e na ordem democrática", declarou Boric.

Kast acenou à conciliação e também conversou com os líderes do Legislativo. "Esse governo de emergência deve se refletir em um governo de unidade nacional em questões prioritárias", afirmou, ao avaliar a reunião com Boric como "muito positiva e republicana". Com a posse agendada para 11 de março de 2026, ele admitiu que os temas de segurança, saúde, educação e moradia são preocupações comuns.

Hoje, Kast será recebido pelo presidente argentino, Javier Milei, em Buenos Aires, na primeira viagem ao exterior do líder eleito chileno. Milei, que compartilha afinidades ideológicas com Kast, foi um dos primeiros a parabenizá-lo pela vitória. "Enorme alegria pelo triunfo esmagador do meu amigo José Antonio Kast nas eleições presidenciais do Chile", escreveu o titular da Casa Rosada. "Mais um passo da nossa região em defesa da vida, da liberdade e da propriedade privada." Em menos de três meses, o Chile se somará a Paraguai, Peru e Equador, os outros governos de direita da América do Sul.

"Kast tenta armazear um 'governo de emergência' que, essencialmente, deixa de lado ou adia sua agenda mais conservadora para focar-se em temas que considera prioritários, como economia, imigração e segurança. Para isso, tem buscado construir uma coalizão governista mais ampla dentro da direita", explicou ao **Correio** Martín Ordóñez, professor do Departamento de Estudos Políticos da Universidade de Santiago de Chile.

A eleição de Kast "despertou" fantasmas do passado. Em uma nação atormentada pelas feridas do regime militar, o presidente eleito declarou-se admirador do general Augusto Pinochet. Chegou a afirmar que, se o ditador estivesse vivo, teria votado nele. Durante os 17 anos de Pinochet à frente do Chile, entre 1973 e 1990, mais de 3,2 mil pessoas morreram.

X/Reprodução



Gabriel Boric (D) recebe José Antonio Kast, no Palácio de La Moneda, em Santiago: líder eleito tomará posse em 11 de março

Arquivo pessoal



O Chile não aceitará a repetição da história e de horrores, como os cometidos durante a ditadura. O povo chileno está maduro nesse sentido, sabe o que significou a ditadura e a perda da liberdade"

**Patricia Espejo, 85 anos,
ex-secretária de Salvador Allende**

Milhares sofreram tortura e foram presas. Ao **Correio**, Moy de Tohá, 89 anos, viúva de José Tohá, ex-ministro da Defesa do presidente Salvador Allende, afirmou: "Kast não era meu candidato, mas foi eleito pelo povo chileno; não o admiro, não gosto dele e eu preferia outro". "Seria um erro político maiúsculo tratar todos aqueles que votaram em Kast como admiradores de Pinochet", comentou.

Ex-secretária de Allende, Patricia

Espejo, 85, disse à reportagem que é preciso pensar sobre os motivos que levaram o Chile a escolher Kast. "Devemos fazer uma autocrítica. Temos que pensar sobre o que Kast oferecia. O tema dos direitos humanos é fundamental. Com o tempo, Kast baixou de tom e avisou que não libertará presos por crimes de lesa humanidade. Precisamos esperar para saber sobre o que ele pensa", disse, por telefone. Ela crê que a composição do gabinete

de Kast pode indicar tendências. "Kast terá que formar uma coalizão de partidos, pois não conseguirá governar apenas com o seu partido. Ele precisará da centro-direita e de certos grupos independentes", avaliou.

Para a ex-secretária, a eleição de Kast traz lembranças de "anos de tanta dor". "Penso que, hoje, o Chile não aceitará a repetição da história e de horrores, como os cometidos durante

a ditadura. O povo chileno está maduro, sabe o que significou a ditadura e a perda da liberdade. A eleição mostra que o Chile é um país democrático, que crê nas instituições e nos direitos humanos. O Chile não permitirá retrocessos", concluiu Espejo.

Mal-estar

Declarções do presidente da Colômbia, Gustavo Petro, sobre a eleição

do Chile

Conheço esse país e sei que ele tem uma larga tradição democrática. Enquanto ser humano, tenho a obrigação de dar a Kast uma oportunidade para que faça o correto."

**Moy de Tohá, 89 anos, viúva de José Tohá,
ex-ministro da Defesa de Allende**

Arquivo pessoal



Líder opositora fraturou vértebra ao deixar Venezuela

A líder da oposição venezuelana, Márcia Corina Machado, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, sofreu uma fratura vertebral ao deixar a Venezuela clandestinamente e chegar à Noruega na semana passada, anunciou sua porta-voz Claudia Macero. Machado, de 58 anos, recebeu o Nobel da Paz por sua luta por "uma transição justa e pacífica" para recuperar a democracia na Venezuela. A ex-deputada cassada afirmou que temeu por sua vida na perigosa viagem para deixar seu país rumo a Oslo — a jornada combinou um trajeto de barco até Curaçao e um voo em avião privado com escala nos Estados Unidos. "A fratura vertebral está confirmada", declarou Macero, referindo-se a um artigo publicado no jornal norueguês *Aftenposten*. "Por ora, nenhuma outra informação será divulgada além da que consta no artigo", acrescentou. Segundo o jornal, a fratura ocorreu enquanto ela era transportada em um pequeno barco de pesca, com o mar agitado.

de Kast repercutiram negativamente no Palácio de La Moneda. "O fascismo avança. Jamais estenderia a mão a um nazista e ao filho de um nazista. (...) Triste que Pinochet teve que se impor à força. O mais triste é que o povo eleja seu Pinochet: eleitos ou não, são filhos de Hitler, e Hitler mata o povo. É o demônio contra a vida, e todo o latino-americano sabe resistir", escreveu Petro na rede social X.

O governo chileno considerou "inaceitáveis" as aspas de Gustavo Petro. "Entregamos uma nota de protesto ao embaixador da Colômbia no Chile para manifestar nosso incômodo pelas declarações inaceitáveis do presidente da Colômbia em relação à eleição presidencial em nosso país", afirmou o ministro das Relações Exteriores do Chile, Alberto van Klaveren. Ontem, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, saudou a "vitória fácil" do aliado ideológico e afirmou: "Ouvir dizer que ele (Kast) é uma pessoa muito boa".

TERROR NA AUSTRÁLIA

Linha dura contra armas depois de ataque a judeus

Autoridades australianas decidiram endurecer as leis sobre porte de armas, um dia após um homem e o filho terem matado 15 pessoas que celebravam o feriado judaico de Hanukkah — a Festa das Luzes — em uma praia de Sydney. Uma menina de 10 anos está entre os mortos no ataque na praia de Bondi, além de um sobrevivente do Holocausto e um rabino. Outras 42 pessoas foram hospitalizadas, segundo a polícia.

O primeiro-ministro Anthony Albanese convocou reunião com os governadores dos estados e territórios australianos e concordou com eles em "fortalecer as leis sobre armas". O gabinete de Albanese informou que os presentes concordaram em explorar maneiras de aprimorar a verificação de antecedentes para proprietários de armas de fogo, impedir que estrangeiros obtenham licenças para porte e limitar os tipos de armas legalizadas.

Massacres são raros na Austrália desde 1996, quando um atirador matou 35 pessoas na cidade turística de Port Arthur. O massacre levou

a reformas abrangentes que foram consideradas por muito tempo um padrão global. Mas os ataques de domingo levantaram novas questões sobre como os atiradores obtiveram as armas. Segundo a emissora ABC News, eles podem ter vínculos com o grupo jihadista Estado Islâmico.

A polícia ainda investiga a motivação do crime, mas as autoridades afirmaram que o ataque foi claramente planejado para aterrorizar a comunidade judaica. "O que vimos foi um ato de pura maldade, um ato de antisemitismo, um ato de terrorismo em nossas praias", disse Albanese, antes de depositar um buquê de flores no Bondi Pavilion.

Os agressores agiram a partir de um calçadão que levava à praia, que estava lotada de banhistas em uma tarde quente de verão. Quase mil pessoas estavam reunidas na praia para celebrar o feriado judaico. Usando armas longas, eles dispararam contra a área por 10 minutos até que a polícia matou o pai, de 50 anos. O filho, de 24, foi preso e está hospitalizado com ferimentos graves.

A polícia encontrou uma bomba caseira em um carro estacionado perto do local e afirmou que o "artefato improvisado" provavelmente havia sido plantado pelos homens. Após os ataques, informações falsas se espalharam on-line, algumas delas direcionadas contra imigrantes e a comunidade muçulmana. A polícia informou ontem que recebeu relatos de várias cabeças de porco abandonadas em um cemitério muçulmano a sudoeste de Sydney.

australianos aclamaram como "herói" um homem que lutou com um dos atiradores, desarmando-o e salvando muitas vidas. O aclamado é o vendedor de frutas Ahmed al-Ahmed, 43 anos, imigrante de origem muçulmana, filmando o desencadeou a guerra em Gaza. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, classificou o ato como "puramente antisemita".



Flores para as vítimas do massacre na praia: comoção nacional

» Paris cancela show de réveillon

O temor de um ataque terrorista levou as autoridades francesas a cancelar as apresentações musicais ao vivo no ano-novo na icônica avenida Champs-Élysées, no coração de Paris. No lugar do show, atração que mobiliza a capital do país nos últimos dois anos, o canal de TV France 2 exibirá uma apresentação no horário previsto. A queima de fogos no Arco do Triunfo, outro marco do réveillon parisiense, está mantida. "Não temos mais controle sobre os eventos de rua", admitiu uma fonte dos serviços de segurança à agência de notícias France-Presse. "No ano passado, tivemos mais sustos em duas horas de réveillon na Champs-Élysées do que em três semanas de Jogos Olímpicos", comparou. Tradicionalmente, a virada do ano na principal avenida de Paris atrai cerca de um milhão de pessoas, apesar das baixas temperaturas. A segurança do público e dos artistas nas duas edições anteriores foi um desafio para as autoridades. O pedido foi aceito pela prefeita Anne Hidalgo.

anos, que teria sido baleado duas vezes e está hospitalizado.

Uma série de ataques antisemitas semeou o medo entre as comunidades judaicas na Austrália após o ataque do Hamas a Israel, em 7 de outubro de 2023, que desencadeou a guerra em Gaza. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, classificou o ato como "puramente antisemita".